

A SEMANA



JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Director — F. M. Raposo d'Almeida.

Vol. I.

DOMINGO, 1 DE JUNHO DE 1856.

N. 25.

INSTITUTO RELIGIOSO.

A Guarda dos Domingos.

INTRODUÇÃO.

I.

Agora que o pendulo da ordem social vae tomando um movimento regular e medido, agora que se abriu uma nova era de novos destinos sociaes, que o verbo dos melhoramentos materiaes está proclamado, já aceito e com um impulso animador e esperançoso; agora enfim, que, nas regiões da politica, não se degladiam mais as questões anachronicas da velha e nova monarchia; e que os estadistas se consagram á profundas theorias de administração e aos ensaios praticos da economia; importa muito, tambem, estudar, analysar, depurar e discutir algumas questões de moral social, chamar sobre ellas a attenção dos homens pensadores; e, em ultima analyse, offerecel-as á consideração dos poderes respectivos do estado.

Tal me parece que é este um dos deveres impostos ao Instituto Episcopal, em geral; e cada um de seus membros, em especial. E tanto mais urgente e reconhecida é esta necessidade da discussão e apreciação das altas questões de moral social, quanta é a profunda convicção, em que estão todos os animos, de que não pôde haver reabilitação possivel da politica, sem que lhe preceda a regeneração da moral.

Infelizmente não se attendeu ainda á suprema necessidade de antepor a moral politica á politica puramente administrativa. Parece que todas as intelligencias se tem exclusivamente consagrado á conquista das posições governamentais, e que a politica dos factos tem sido para ellas ou a tunica de Neso, que não se pôde despir sem rasgar as carnes, ou o monstro de Lesbos, que aperta e espedaça os novos Lacoontes.

A sociedade actual é um amalgame monstruoso de impiedade e fé, de duvida e crença, de espirito e materia. Os diferentes credos dos sectarios de Saint-Simon, dos Néo-Jerosolymitanos, e dos racionalistas, as opiniões de Grunes, de De Voss, de Sleinhart, parece que tem encarnado, ou ao menos reflectido no caracter moral da sociedade actual.

Mas d'entre a incredulidade e o fanatismo, d'entre o materialismo, e a superstição, d'entre a Encyclopedica e o Genio do Christianismo, d'entre Di-

derot e Bergier, d'entre Voltaire e Chateaubriand, d'entre Alembert e Lacordaire, d'entre Alfieri, e o padre Ventura de Raulica surge triumphante o labaro da cruz, arvorado na altura do Golgatha; e com elle renasce a philosophia evangelica, mais pura e brilhante, como nunca renasceu a phenix de suas proprias cinzas.

O Evangelho é portanto uma verdade celeste, uma realidade indistructivel, um manancial perene da abundancia inconmensuravel, que nos legou o Filho de Deos humanado; é um thesouro eucharistico que tem triumphado da destructibilidade de mil e oitocentos annos, e que triumphará até ao ultimo dia dos seculos.

É n'este pergaminho sacrosanto que a geração actual se deve ir purificar, como n'uma piscina de graça, que se deve baptizar, como n'um Jordão purificador. É n'elle, tambem que, iremos respigar as augustas verdades, com que instruiremos e fundamentaremos a these que vamos considerar e desenvolver. Antes, porém, de lá chegar, reconsideremos a feição característica da sociedade actual.

II.

É por demais animador e esperançoso, fecundo e brilhante o aspecto que apresenta a nossa actualidade. Regorgita na praça um credito fabuloso, improvisam-se fortunas collossaes, ostenta-se muito saber, sonha-se muita utopia, exhibe-se um luxo asiatico, vive-se sybariticamente, tudo parece inculcar uma epocha de tempos priscos, ou um novo reinado da fabulosa Astréa. Ha porém, debaixo d'estas rosas encantadoras, espinhos, que dilaceram, debaixo de viçosas e variegadas flôres está encoberto o aspide venenoso, debaixo da farda dourada sangra a chaga, que punge, que aniquilla, que mata.

A mocidade e a velhice, o nobre, e o burguez, o homem do povo e o homem escravo, o homem das grandes povoações e o do campo, todos parecem tomados de uma preocupação assustadora, de uma inquietação indifinivel. Pesarosos do passado, envergonhados do presente e receiosos do futuro debatem-se n'uma angustia, que se sente, mas não se explica, que se soffre, mas não se pôde nem curar nem mitigar.

O lavrador, no meio da sua patriarchal abundancia, queixa-se amargamente da sorte; nunca tem uma colheita que o satisfaça, nem braços que sejam bastantes para os seus misteres; trabalha, lida, soffre privações e sacrificios, arrosta as tempestades, expõe-se ás calmarias, toma parte com os escravos n'essas arduas tarefas da agricultura;

mas, depois de tanto ansear no trabalho, depois de tanto verter suor de fadigas, é como o Tântalo da fabula, que não pode tocar os pomos e a agua que deseja; é como o proscrito que não póde voltar á terra querida da patria, á sua desejada Canaan.

O homem das cidades, o predestinado ás grandes posições, o que n'ellas está collocado com a aureola das honras e do fastigio, parece igualmente minado e sacudido pelo atrito electrico d'esta inquietação, d'este desespero. Não ha condecorações que o satisfaçam, nem honorarios que lhe sejam bastantes, nem dominio que chegue para as suas aspirações, embora ligítimas e approvadas: desanima por fim, semelhante ao nauta, a quem se espedaçou o leme, e se quebrou a bussola: crusa os braços; e como o nauta busca com os olhos inquietos, que uma outra embarcação o venha salvar d'quella conjunctura terrível e desesperadora; assim elle busca, mas em vão que uma idéa salvadora o venha rehabilitar.

O homem dos capitães e das finanças, no meio dos seus milhões de papel, no meio d'essa febre de agiotagem, que o traz exclusivamente absorvido, no meio dos seus calculos abstractos e concretos, agita-se e debate-se n'uma ansiosa inquietação, sem que haja resultado, que lhe agrade, ou lucro que o satisfaga: é como a chama do incendio, para a qual não ha combustível que chegue.

Os homens de letras não acreditam na efficacia da sua influencia intellectual, crestada e prostrada pelo bafo pestilente da indifferença publica. A sua posição na cadeira do magisterio, na tribuna, na banca, no gabinete, na imprensa, em tudo, reflecte esse desacorçoamento, que, semelhante a herpes lentos, vai dilfinhando os bons affectos e as poeticas aspirações de um povo, de que elles são os bardos, os prophetas, os sacerdotes da gloria nacional. Semelhantes ao Cesar da historia, mais de um tem envolvido a cabeça na capa da obscuridade, entregando-se aos golpes da satyra, da calumnia, do ridiculo, e, o que é peor, ao esmagamento da indifferença.

O clero está no mais fundo abysmo de depreciação e do mais doloroso desanimo. Sem força de illustração bastante para esmagar a hydra do scepticismo e da incredulidade, que nasceu em fins do seculo passado, e tem vivido até hoje, o clero foi a primeira victima immolada nas aras e nos cepos ensanguentados das revoluções, vomitadas pelo monstro da anarchia. A sociedade, vertiginosa, corrupta, transbordando dos seus limites de impiedade; e louca nos seus desatinos, tem elevado as suas ondas até aos porticos dos templos, e até aos claustros dos mosteiros. Assim o clero é o primeiro a duvidar da sanctidade da sua estela, e da efficacia da sua influencia social, na missão de curar as almas: ou não solta a voz por medo, ou quando falla é a voz que clama no deserto.

Como o estadista, como o financeiro, como o literato, como o clero assim é o povo. O artista não acredita na arte, nem no trabalho, o militar não acredita na gloria, a velhice renega a sua historia, a mocidade não acredita na rehabilitação do futuro.

Triste, doloroso e pungente é um tal quadro!... é sobre este quadro triste, doloroso e pungente, que cumpre applicar o historil da philosophia: apalpar a ulcera que sangra, e cural-a com o balsamo da lutar da religião.

III.

Por muito tempo dei tratos á minha pobre comprehensão para explorar a causa d'esta angustia moral, que minava o corpo social sob a apparencia risonha de uma civilisação postíca. Uma das phases da minha vida me collocára director de um seminario episcopal; e, na vida semi-claustal, que ali passei, estudando e aprofundando o meu pobre thesouro de saber, pareceu-me que por fim achára a incognita do problema, que tomára a peito resolver. A falta de instrução, concluíra eu, fôra a causa d'esta grangrena social. Vi, porém, e reconheci nos fastos da histosia contemporanea, que a muita sciencia allucinára os povos, como o muito fogo incendiava, como o muito remedio matava.

Lendo um dia o excellenté discurso sobre o atheismo do nosso illustre consocio o Sr. conselheiro José Joaquim Rodrigues Bastos, foi-me facil comprehender que a falta de religião é que tinha reduzido a sociedade ao estado de marasmo em que se debatia e definhava. Então devotei-me, e consagrei-me á leitura dos mais abalisados e competentes escriptores. Desde Calmet e Nicole até Lacordaire e Ventura, desde o padre Vieira até ao arcebispo D. Remualdo e frei Francisco de Monte-Alverne, desde o bispo Cenaculo até Alexandre Herculano percorri essa triplece galleria de diversos escriptores religiosos; mas essa riqueza immensa de suas doutrinas, de sua profunda philosophia e de sua vasta erudição não chegou a satisfazer o vacuo de duvidas em que se abysmaram as minhas reflexões.

Por falta de uma demonstração mais terminante e esclarecida contentei-me com a verdade axiomática, que a falta de religião era a principal causa, se não a immediata, do estado derrancado da sociedade actual.

Um dia, porém, a vontade que eu nutria de acertar com a causa primordial e reagente d'este estado começou a esclarecer-se. Como o mineiro, a quem de repente se interrompeu a veia de ouro que seguia, fica prostrado, assim eu ficára quasi desanimado: como o proprio mineiro que, ao deparar com novas palhetas, volta com sofredão ao trabalho, assim eu voltei ao estudo de uma verdade.

IV.

Eis-aqui como eu recommencei a applicação de novas reflexões.

Em uma das minhas ultimas excursões no interior do paiz tive de demorar-me alguns dias na fazenda de um parente. Familiarisado com os trabalhos agricolas, com a resignação taciturna da escravatura, nunca reparára especialmente na desventura d'essa desventurada classe, que sendo creaturas de Deos, como nós, são equiparados a cousas.

A semana passara-se com resignação complacente da parte da escravatura, e com essa inquietação e alegria, que traz a lida do trabalho. No domingo de manhã reparei eu então n'uma circumstancia, em que nunca reparára. A escravatura havia n'essa madrugada prolongado a reza matutina, havia mudado de roupa, o que annunciava o dia do Senhor Deos; mas ao amanhecer, os que se tinham comportado bem iam trabalhar nas suas

roças, os *incorregiveis* iam para o trabalho da faxina. Estes obdeciam de má vontade, com repugnância e com todas as demonstrações de despeito: aquelles que eu vira, durante a semana, trabalhar resignados e animados na lavoura do seu senhor, iam agora, como forçados e obrigados, trabalhar nas suas roças, cujo producto teria de ser applicado ao seu vestuario, e ás suas necessidades secundarias.

Mais tarde experimentei eu uma impressão semelhante. Atravessando algumas ruas d'esta capital, em um domingo, das dez ás onze horas da manhã, vi que esses milhares de caixeiros que, durante o dia estavam alegres e solícitos, no meio do trafego commercial; que, prazenteiros e afadigados iam, vinham, giravam e atravessavam essas ruas como uma espiral magica, como o sangue afflue e reflue do coração para as arterias do corpo humano, reparei, digo, que elles ficavam taciturnos, indolentes e como tomados de um torpor desanimador.

No trabalho a que o escravo se via forçado ao domingo, e nas horas de treguas, mas não de descanso e convenientemente applicadas, que se permitia ao caixeiro, sempre atado ao cepo do trabalho, á columna do seu martyrio cotidiano, vim eu a descobrir a verdade social, que não encontrára, nem nos sabios que consultara, nem nos seus livros que percorrera.

Conta-se que o famoso astrologo Fycho-Brahé, descendo uma noite do seu observatorio vira na praça uma grande multidão, ao redor de um homem obscuro, que lhes mostrava n'uma das constelações celestes uma estrella brilhante, que o philosofo, com o auxilio do telescopio de Galileo, não tinha podido descobrir.

Ha muitos d'estes acasos que, se humilham a sciencia dos sabios, nem por isso dão honra e gloria ao homem obscuro que o acaso predistinou para a descoberta de uma verdade: foi o que me succedeu. Nas suas profundas combinações philosophicas, nas suas eruditas confrontações historicas e litterarias, todos os sabios a que me referi, mostraram com toda a lucidez que o estado derrancado da sociedade provinha do seu divorcio com a religião: eu depreendi da confrontação de duas numerosas classes da sociedade politica, que o germen do mal estava no divorcio não só da sociedade e da religião, mas especialmente (tomai nota) no divorcio entre a creatura e o Creador. A causa proxima do derrancamento moral é a sociedade sem religião; mas a causa remota e principal é a falta de reconhecimento da parte da creatura para com o Creador.

Eis-aqui o assumpto da minha these, cuja materia deviderei em duas partes; na primeira encarnal-a-hei debaixo do ponto de vista puramente canonico, na segunda pelo prisma das conveniencias sociaes, concluindo com o meu parecer sobre a melhor forma e maneira de harmonisar estes dois interesses até aqui em completo e escandaloso divorcio.

F. M. RAPOSO D'ALMEIDA.

Secretario-geral do Instituto Religioso

PARTE LITTERARIA.

A Ipolygamia.

A polygamia, que retrograda o homem á condição de bruto, tem infectado a sociedade e, máo grado nosso, temos de confessar que os legisladores, a quem compete velar sobre isto, dormem o somno da indifferença, em quanto o vicio se propaga e desmoralisa. A lei não póde evitar, mas cumpre-lhe castigar o delicto: ella só aponta uma breve reclusão; e depois, livre o homem, póde de novo trilhar a estrada do vicio.

O conhecimento do crime acompanha o malvado até á consummação do acto, porque elle busca escoar-se a essa idéa que de continuo o flagella, chamando em seu apoio, essas erroneas e seculares doutrinas do repudio; e provido de phantasticos documentos que comprovem a morte da esposa ausente, ou de corruptos e venaes amigos que juramentem seu celibato, entra atrevido pelo templo do Omnipotente, seduzindo uma donzella, de quem soube grangear affectos com fallazes palavras; e illudindo um credulo sacerdote. Á semilhança dos brutos, que só gozam o materialismo, esse homem, cujo coração invellecido não póde nutrir sentimentos de virtude, falto de crença e de fé, vê com prazer correrem os dias até que soa a fatal hora, mas elle não vacilla, não treme e com toda a tranquillidade de uma alma affeita ao crime, aguarda a sentença; por que sabe que ella será de pouca duração. Ao polygamo é permittida a união da primeira esposa, como verdadeira e unica; e a segunda, forçada á infamia, a um viver de divassidões; e mais ainda sem poder contrahir segundas nupcias; por que incorre no crime de bigamia!! Tal a nossa legislação!! A propria natureza recente-se de tal lei, por que n'essa alma vilipendiada, póde existir um puro e ardente amor, que tem de finir-se entre assomos de odio e desespero.

A vingança póde ser parto mesquinho de almas baixas; mas, incontestavelmente, é doce ao coração humano; e a mulher, capaz de perdoar as mais graves offensas, não póde, por mais que tente, olvidar esse insulto feito ao seu coração. A fragilidade de que é dotada, nega-lhe forças para um combate tão desigual, e então, tentando fugir a esse ignominioso ferrete que se lhe estampa sobre a fronte, póde succumbir de angustias, ou involta no lodaçal da crapula.

O direito é igual para ambas e ambas tem direito ao mesmo homem, por que a Religião ouviu-lhes

os votos e sancionou-lhes a união; no entanto que uma geme e chora coagida por esse facto que a tem de cobrir de oprobrio e de vergonha, porque os homens, com sorrisos de escarneo e de desprezo, apontando-a, bradarão: eis uma mulher mundana! Uma chora e geme, em quanto a outra, acobertada por essa lei mal formulada, ri-se, escarnece e propola o *crime* de sua rival! Esta vê seus filhos legitimados e herdeiros dos bens de seu pai; e aquella vê os fructos de seu hymineo, arremessados aos motejos ignobeis da populaça e sem nome, sem arrimo, despenham-se na miseria! Essa mulher innocente soffre todas as torturas, que casos taes costumam arrastar apoz si; e o homem, unico delinquente, no pleno gozo de sua liberdade, zomba da lei e escarnece do nenhum poder da Religião!!

Já dice uma vez; a lei não pôde evitar, mas cumpre castigar, onde porém existe o castigo?

A pena marcada para semelhante crime, não é sufficiente para reparar o mal d'essa mulher desventurada, que, repudiada e envolvida nos andrajos da indigencia, vê espezinhado esse doce affecto de sua alma, o mais mimoso sentimento da natureza. Não é sufficiente para extirpar os horrores dessa extremosa mão, que recua espavorida ante o abysmo torpe da prostituição, que attrahe e chama suas virgens filhas!

Não é sufficiente para enchugar o pranto d'esses innocentes e mizeros meninos, que caminhando a um futuro de maldições, e quem sabe se de crimes, tem de esmolar o pão quotidiano.

Cumpra pois aos legisladores prehencherem essa falta da lei, por que não é só um fabuloso melhoramento de eleições, que deve occupar a attenção das camaras. De maior necessidade é a correcção de artigos, que formigam n'esses codigos, avisos e portarias; e que por de mais ambiguos, deixam as autoridades proceder a seu bel prazer, aniquilando o direito e confundindo a razão.

F. A. DA SILVA LIMA.

AS AMERICANAS.

VII.

MARAMONHAGABA-GIBA.

(Ao Embalar da rede.)

CANTO DAS TABAS. (47)

O BARDO.

O' Jaty! nosso filho tam bello
Dorme agora na rede entre flores

(47) Intitula-se este canto *Moramngaba-giba* que quer dizer *Braço da guerra*.

— Elle — o fructo de nossos amores,
— Elle — o laço de nossa união!

CORO DE MULHERES.

Dorme, dorme, menino formoso,
Honra e gloria da taba tamoya!
No porvir o teu nome famoso
Soará como soa o trovão.

O BARDO.

Embalemos-lhe a rede tam branda,
Como a brisa que agita a palmeira,
Sussurrando-lhe grata e fagueira,
Qual o bardo sussurra a canção.

CORO DE MULHERES.

Dorme, dorme, menino formoso
Honra e gloria da taba tamoya!
Quando um dia despertes famoso
Seja como o estridor do trovão

O BARDO.

Setta e arco na rede lhe pomos, (48)
Porque sonhe inda infante co' a guerra,
Que somente a cobardes atterra:
Setta e arco seus braços serão.

CORO DE MULHERES.

Dorme, dorme, menino formoso
Honra e gloria da taba tamoya
No porvir o teu nome famoso
Inda pousa qual pousa o trovão.

O BARDO.

Seja elle guerreiro valente
Que o valor entre nós não é raro
E uçû (49) aos guerreiros tam raro
Ha de um dia ser teu galardão.

CORO DE MULHERES.

Dorme, dorme, menino formoso,
Honra e gloria da taba tamoya
No porvir o teu nome famoso
Ha de ser como immenso trovão.

(48) Era uso entre a maior parte dos selvagens, pôr um arcosinho e uma setasiinha na rede de seus filhos mal nasciam.

(49) Os tamoyos e todas as tribus que fallavam a lingua geral juntavam ao nome o adjectivo *uçû*, grande, quando obravam proesas na guerra.

O BARDO.

Não seja elle cobarde que teme
Que procura n'um tronco um abrigo
Ser primeiro na frente do imigo
Porque fira cobarde a traição.

CORO DE MULHERES.

Dorme, dorme, menino formoso,
Honra e gloria da taba tamoya
Dorme, dorme teu nome famoso
Entre nós ha de ter duração.

O BARDO.

O' Jaty!... nosso filho é tam lindo!
Deixemo-lo na rede entre as flores!...
Dorme, ó filho de nossos amores!
Dorme, ó fructo de nossa união!

CORO DE MULHERES.

Dorme, sim, ó menino formoso!
Dorme, ó gloria da taba tamoya!
E desperta com nome famoso,
Mais temivel que o proprio trovão!

J. NORBERTO DE SOUSA E SILVA.

PARTE NOTICIOSA.

Correspondencia de Pariz.

CARTA III.

Por que será que havendo tantos jardins publicos em Paris, merece tantos extremos a floricultura domestica? — E' talvez pela mesma razão que, em logar de se tirar de cada jornal sómente o numero de exemplares sufficiente para abastecer os cafés, os gabinetes de leitura, as estações dos caminhos de ferro, e outros lugares publicos; se fazem edições destinadas a abastecer as centenas de milhares de leitores domiciliarios.

Por que será que sendo crusadas em todas as direcções as mais populosas cidades por carroagens publicas, parece multiplicar-se ao infinito o numero das viaturas particulares? — Talvez veja pelo mesmo motivo que, hospedando annualmente os mais sumptuosos theatros lyricos da Europa as mais distinctas celebridades musicaes, nem por isso diminue, antes recresce, o numero dos concertos de amadores de ambos os sexos.

Por que será que, havendo tanta gente empre-

gada na pesca, e sendo tão substancialmente fornecidos os mercados de Paris, é tão crescido o numero dos *dilletanti* piscatorios das aguas do Sena?

Póde ser que seja pelo mesmo motivo que, havendo tantas e tão faustosas hospedarias, tantos e tão succulentos *restaurants*, tantas e tão boas esperanças de *palais de famille*, tantos e tão formosos projectos de phalanstero, n'este mundo francez essencialmente hospedeiro, ainda não consta que a maioria da população houvesse deliberado a abolição do viver caseiro, ou votado a irrevogavel ostracismo a patriarchal cosinha domestica com que os nossos avós a crearam.

Poderia prolongar indefenidamente semelhantes aproximações, mas para que?

Ainda uma pergunta, embora fique sem resposta. Por que será que estando já outra vez entre nós a primeira tragica do mundo, Mlle. Rachel, tendo nós a *Mirra* no theatro italiano, dando-se o *Henry III* todas as noites, e abrindo-se em todas ellas os salões dos nossos não decadentes theatros de declamação, se vê a sociedade pariziense accommettida de uma verdadeira febre de *comedies-bourgeoises*?

Com effeito, não ha salão particular sem o seu theatro, mais ou menos apetitoso, nem theatro sem o seu proverbio mais ou menos engraçado. Vamos ao melhor. Segunda feira passada deu-se uma grande representação no *Hotel-Castellane*, o theatro imperial de phantasia elegante; foi Mr. Alexandre Dumas, filho, a quem couberam quasi todas as honras da noite como author, muito applaudido de um proverbio em verso, intitulado *Le Roi et la Reine*. Os interpretes do joven drama-jurgo, Mr. Delaunay et Mlle. Dubois do theatro francez tiveram por auditorio uma platéa de damas entre as quaes se notavam Mme. D'Osmond, Mme. e Mlle. Lehon, Mme. de Bouteville e suas duas interessantes filhas; Mlle. du Hallay, lady Cowley, Mlle. de Tiffenbach, Mlle. Enieder, Mme. Sebanoff a condessa Du Rouget, a condessa Razine, a formosa Mme. de Castigliani, e a condessa de Montijo.

O author do *Demie-monde*, e da *Dame aux camélias*, subtrahiu-se a toda a especie de ovações; só quando chegou a ceia, lá para as tres horas da madrugada, a qual honrou com o verdadeiro appetite de um author dramatico, habilitado a triumphos, é que houve por bem dimittir a sua modestia.

Havia sido precedida a comedia em verso de Mme. Alexandre Dumas, filho, por um pequeno acto em prosa intitulado *Le Collier*, que foi recebido com igual acolhimento. Bradeur do Palais-Royal imitou os actores das differentes scenas,

e cantou com muita graça varias cançonetas. Agradou e foi applaudido. Como se vê, nada faltava a este sarão dramatico, em que tudo foi coroado pelo melhor exito, desde a comedia metrificada até á ceia, desde o proverbio em prosa até o programma impresso em setim.

A Ristori vem provar este anno que é muitas vezes uma recondução tão festejada como uma estreia. Deu-nos antes de hontem a *Mirra*, que é indubitavelmente o seu cavallo de batalha. Ainda me lembra quando esta inspirada cantora, tão intrepida e corajosa, appareceu pela vez primeira entre nós, receiosa, entre hesitações e duvidas, e prestes a succumbir. Bastou um gesto, bastou uma nota perdida, soltada por aquella alma afflicta; bastou aquella belleza heroica moldada nos primores da estatuaria grega, para deduzirem do triumpho que as nossas admirações tributaram para logo á primeira artista. Bastou um momento para se operar tal revelação; immediatamente foi attendida, festejada e aceita.

Por tres mezes consecutivos não se fallou senão na Ristori. Pariz citava-lhe o nome com orgulho. Eis como se explica o termol-a aqui outra vez. E' a Rachel romana. Voz, ademanes e formosura denunciavam-na. Representou de novo no incrível drama de Alfieri, a *Mirra*, composição tão extraordinaria como anachrenica. Mas que importa? attende-se ao enredo quando só se escuta um artista? percebem as palavras quando só se ouvem as harmonias da partitura? A *Mirra* é para se ler; fazer de uma obra d'este genero um *libretto*, seria inconveniente, se não fossem as compensações alludidas. Se bem nos lembra, a casta Londres prohibio ha dois annos as recitas d'esta opera no seu *Convent-Garden*; se de algum modo foi poluido aquelle templo lyrico pelo incestuoso assumpto da opera de Alfieri, sirvam-lhe de purificação as chamas que ha dias o devoraram.

Não ha formosa sem senão, e Adelaide Ristori sobre tantas perfeições raras, deixa ainda patente á critica uma nuvem menos que transparente, que os seus conselhos podem dissipar se ella os não rejeitar com desdem. São uns assomos de exaggeração, com que a eminente actris, como que revendo-se nas suas creações, demora para além do momentaneo as mais bellas attitudes com que traduz o pensamento. Estas flores da mimica devem ser tão rapidas como as visualidades fugitivas, que a imaginação faz desfilir por diante das palpebras cerradas do artista que medita; solidificadas, converte-as a phantasia em poemas de pedra; vaporosas, ao passarem para o mundo abjectivo, dão

em resultado os mais deliciosos cambiantes da poesia e da musica.

Traz uma fortuna outra fortuna. Emquanto a Ristori se fazia applaudida pelas quatro nações que actualmente dispoem dos destinos europeus, Mlle. Rachel, a nossa recém-vinda, descansava de suas perigrinações, e suspirava pelo seu publico. Em breve a iremos ouvir de novo, e quasi tão de novo como se fôra pela primeira vez; apesar de toda a gente saber de cor, porque assim o digamos, a sublime heroína do *théâtre français*, receia-se que esqueçam os lances magistraes da sua pericia; basta este receio para que se espere com alvoroço a sua reaparição na scena que sabe dominar sem rival.

O Odéon está dando uma pequena peça muito galante: *les réveils du mari*.

O Palais-Royal traz em scena *L'amant aux bouquets*. Este amante é uma especie de parazita da devassidão, que prostitue versos e flores ás *Filles de marbre e de plâtre*; no desenlace da comedia emenda-se e reconhece a propria indignidade; antes assim. Os venaes objectos dos seus amores não são nenhuma organisação excepçionaes, que produzem um *Armand Duval*; vulgares como eram as primissas só por uma conclusão vulgar tambem devia terminar este syllogismo social, realmente bem desenvolvido, e assas verdadeiro. O exito correspondeu ao trabalho do author. Mr. Derval e Mlle. Dupuis são os dois actores que conduzem a peça em primeira linha.

Paris, 10 de abril de 1856.

D. JOSE' DA PAMPULHA.

O Instituto Religioso.

É sobre maneira auspicioso e animador o desenvolvimento, que está tomado esta proficua instituição, que tantos beneficios póde prestar á igreja e ao estado.

No dia 29 celebrou-se a primeira sessão ordinaria, que foi presidida pelo Sr. Nuncio Apostolico, e á qual assistiram varios membros.

Depois do expediente foi lido pelo Sr. secretario geral do Instituto o seguinte relatorio, que dá uma idéa do estado d'esta associação, e que por isso o transcrevemos.

« Depois que a nova directoria tomou posse de seus respectivos cargos, tem-se consagrado aos diferentes assumptos de reorganisação.

« A secretaria tem trabalhado incessantemente na expedição de diplomas, abrindo correspondencias com os bispos do imperio, com algumas so-

ciudades nacionaes e estrangeiras, e com alguns sabios europeos, como os padres Ventura e Lacordaire, Alexandre Herculano e Castilho.

A falta de um amanuense, porém, tem obstado a que todo o expediente esteja em dia.

« A nossa folha, não obstante os primeiros embaraços, que costumam cercar qualquer empreza nas suas primeiras aspirações acha-se em dia; mas não se acha regularmente entregue por não se saber a morada de muitos de nossos consocios.

« Em vista da solemne deliberação tomada a 3 de maio de proclamar-se protectora do Instituto a S. M. a Imperatriz, e solicitar-se para este fim a sua permissão, deu-se logo os passos necessarios; e o Exm. visconde de Sapucahy, presidente e relator da commissão, encarregado de obter o dia e hora para a deputação ir manifestar os seus votos ante a augusta presença de S. Magestade, acaba de officiar-me declarando que a mesma augusta senhora se digna receber a mencionada deputação no dia 31 do corrente ás 5 horas da tarde.

« As nossas aulas foram abertas com a possivel solemnidade no dia 24. Aham-se matriculados varios alumnos, e esperamos que em breve sejam muito mais concorridas, quando as pessoas candidatas se desenganarem que a nossa instituição é uma realidade, que caminha para um futuro de consolidação.

« No dia 18 o Instituto fez celebrar uma missa em suffragio á alma da finada esposa do nosso consocio honorario o Sr. conselheiro d'estado Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso da Camara. Na igreja da Lapa teve lugar o sacrificio, e por essa occasião toda a comunidade cantou um solemne *libera me*.

« No dia 21 o nosso quadro de harmonia foi cantar na missa nova do nosso consocio auxiliador o Sr. padre Fr. Alfredo de Santa Candida Bastos.

Estão dados os primeiros passos para regularisar-se toda a nossa escripturação: só com o tempo se poderá conseguir um tal empenho.

Toda a directoria se acha cordialmente empenhada em corresponder ao voto de confiança, com que a honrastes.

Aham-se já dispostas es primeiros elementos da nossa biblioteca: todo o edificio começa por uma pedra, e depois continua com mais outra, e mais tarde com muitas. Mais de quarenta volumes entre os quaes trez das mais importantes obras do famoso padre Ventura, tal é o fremento da nossa biblioteca.

Eis aqui, senhores, o que ha de mais notavel desde que tomamos posse da administração do

Instituto. Tal é a manifestação que me cumpre fazer, na qualidade de seu relator. Rio 28 de maio de 1855.

F. M. RAPOSO D'ALMEIDA.

Um sabio Americano.

Acha-se n'esta còrte, de passagem para a Bolivia, um dos ecclesiasticos mais illustrados não só da America, como de todo o orbe catholico: é o Sr. D. José Ignacio Victor Eyzaguirre, deão da faculdade de theologia, e vice-presidente da camara dos deputados do Chili, sua patria.

O Sr. Eyzaguirre é auctor da historia do Chili, e do Catholicismo em presença das seitas dessidentes, obra esta que mereceu os maiores louvores do papa Pio IX, do Sr. conde de Monte-Alembert, do padre Lacordaire, e de outros muitos sabios, e se acha traduzida em francez, inglez e italiano.

O Sr. Eyzaguirre vem n'uma commissão importante da Sancta Sé, qual a de ouvir o parecer de diferentes bispos sobre a possibilidade e apoio da fundação de um Seminario Americano na capital da Christandade.

E' por demais espinhosa a missão do Sr. Eyzaguirre; mas do seu zelo catholico, e do seu vasto e profundo saber ha toda a razão a esperar um feliz resultado.

O Sr. Eyzaguirre demora-se mui pouco tempo n'esta capital; mas consta-nos que assistirá á proxima sessão do Instituto Religioso, de que é membro sob proposta do Sr. Nuncio Apostolico.

Revista theatral.

Tivemos finalmente a representação da *Cenerentola*. O publico delletanti olhou para a opera como caldo requentado que era, e favoreceu o theatro com a sua ausencia.

Não vale a penna perder uma noite, supportar os desconchavos do Sr. Walter, os grunhidos da Sr.^a Grimaldi, a voz de estalo do Sr. Susini para a final ouvir uma dos mais bellos rondós que escreveu Donizetti.

Como já dissemos em outro lugar, se o reportorio artistico da Sra. Cazaloni se pudesse comparar a um anel, a pedra d'esse anel seria o rondó da *Cenerentola*.

Afóra este bem desempenhado final da opera, o mais esteve quasi insupportavel, se exceptuarmos a aria enchertada que fizeram cantar á Sra. Chioni.

Theatro de S. Pedro.

Proseguem as averiguações para descobrir o auctor ou auctores do crime que reduziu á cinzas o primeiro theatro nacional da arte dramatica.

Temos as mais fundadas esperanças que o actual Sr. chefe de policia não largará o fio que já tem na mão.

Instituto Historico.

O Instituto Historico celebrou no dia 30 a sua quarta sessão ordinaria. Além do expediente terminou o Sr. Dr. Lagos a sua analyse á viagem do Sr. Condé de Castelenau. Houve tambem uma proposta que foi unanimemente approvada, para que uma commissão scientifica de naturalistas nacionaes fosse percorrer o paiz.

REVISTA THEATRAL.

O GYMNASIO DRAMATICO.

VI.

Não é para nos entranharmos de novo na apreciação da immoral escola do *Demi-Monde*, representado pelo theatro do Gymnasio, que vamos escrever estas poucas linhas; mas sim para repellir uma insinuação descortez que nos fez um escriptor, a quem aliás prestamos a devida attenção.

Emprazamol-o para que nos demonstrasse em que se fundara para dizer que a commedia em questão era *moral na forma e moralissima no fundo*: desdenhou o nosso convite, deixou ir a sua opinião de *ipse dixit* á reveria, e entendeu que desatava o nó gordio do pleito com a seguinte coarctada:

« O theatrinho do Gymnasio, que até agora marchava pelo caminho florido da esperança, vai começando a sentir o peso da má vontade de alguns criticos. Em nome da moral offendida procura-se pregar contra elle uma cruzada que faz rir a quem conhece o repertorio dos outros theatros. Estas veleidades de moral severa e mutiladora da arte não são novas. A censura dramatica é irmã gêmea do absurdo. »

Parece que a tres escriptores, que haviam tomado a peito profligar a introdução da escola do *Demi-Monde*, cabia esta atribulada censura, ao Sr. S. F. do *Diario do Rio*, ao Sr. Victorino de Barros e a nós.

Pela seguinte declaração toda namorada e urbana o Sr. S. F. ficou fóra da primeira censura, e o Sr. Victorino de Barros, e nós temos de supportar os botes da massa de Hercules, que tão galhardamente sabe manejar o Sr. M. das *paginas menores*.

« O meu collega S. F. do Folhelim theatral do *Diario do Rio* occupa-se no seu ultimo artigo em defender-se de imputações, que por ventura lhe poderiam ser feitas, se o que eu disse domingo passado a respeito da censura e dos censores theatraes lhe pudesse ser applicado. De facto nem de leve me podia referir a um critico justo, illustrado e consciencioso como elle. Se por ventura tenho discordado de algumas de suas opiniões, é quanto

a pequenos detalhes, eu apenas na maneira de avaliar este ou aquelle trabalho litterario.

« Quando me referi ao repertorio de outros theatros não quiz fallar dos theatros estrangeiros, e sim dos nossos em referencia ao do Gymnasio; ao fallar da censura dramatica referi-me á censura absurda e não á critica independente e illustrada do jornalista, que não transige com sua consciencia nem escravisa sua penna a mesquinhas rivalidades, illudindo a opinião dos incautos. Para os primeiros, respeito e attenção, qualquer que sejam as opiniões que sustentem; para os segundos, o estigma que Antonio José, pela boca do Sr. Magalhães, estampa na fronte dos mercenarios das letras. »

O Sr. Barros que se deffenda aonde e como quizer; a nós cabe-nos dizer que não ha o mais leve motivo para que o Sr. M. se negue a entrar connosco na discussão de uma questão de pura philosophia litteraria; se porém a tem não lh'a disputamos; mas contestamo-lhe o direito de em tom magistral e militar nos esmagar com o peso da sua autoridade folhetinista.

A quem se refere o Sr. M. com o seu stigma de *censura absurda*, com o seu insulto de *mercenarios das letras*, com as suas insinuações de *mesquinhas rivalidades*, *illudindo a opinião de incautos*?

O Sr. M. deve-nos uma explicação a este respeito, e esperamos do seu cavalherismo pessoal, e da sua dignidade de escriptor que não nol-a recusará.

Se a nossa folha, da qual só cabe sacrificios ao seu empresario, não tem a circulação e as favoraveis circumstancias da folha, emque escreve o Sr. M. temos comtudo a convicção de ser uma folha grave, decente, urbana, sensata em suas opiniões e escripta por diversas pennas, talentosas e illustradas. Temos empregado todo o cuidado para que ella mereça a attenção e a benevolencia de seus distinctos leitores; o publico dirá se o temos ou não conseguido.

Nem uma só das pennas que escreve a *Semana* é ou foi mercenaria: nenhum dos seus artigos tem incorrido na pexa de absurdo. Poderão ser escriptos com menos boa dicção, mas todos escriptos em portuguez, poderão ser mais ou menos bem fundamentados e instruidos de argumentação, mas desde a primeira até á ultima linha do que havemos escripto, as nossas opiniões respiram convicção e gravidade.

O jornalismo é uma especie de phalansterio, que póde ter por convivas a todas as intelligencias mais ou menos graduadas. Elle não admite o exclusivismo, nem póde supportar que alguns *eleitos felizes* do jornalismo mercantil tirem e dêem fóros de litterato; não admite, sem protesto, que essas intelligencias bemaventuradas se repartam entre si o dominio da imprensa, e que aos menos favorecidos da fortuna só reste a obrigação de bater as palmas aos seus triumphos, ou atarem-se ao seu carro de sabedoria inexplicavel.

Expediente.

Só terça feira é que publicaremos o n. 4 da *Revista Catholica*, pertencente a este numero.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.